

Resistência cultural: a importância das batalhas de rima como territórios fundamentais do Hip-Hop em Belo Horizonte – MG

Cultural resistance: the importance of rhyming battles as fundamental territories of Hip-Hop in Belo Horizonte – MG

Resistencia cultural: la importancia de las batallas de rimas como territorios fundamentales del Hip-Hop en Belo Horizonte – MG

Glaycon de Souza Andrade e Silva – glaycongeografia@gmail.com
Doutorando em Geografia–Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas
Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-4018-9253>

Resumo

A cultura Hip-Hop surge nos bairros nova-iorquinos, a partir da ocupação dos guetos, espaços públicos e locais subutilizados para o encontro e manifestações das artes dos jovens afroamericanos por meio do rap com o DJ e MC, dança com o break-dance e o graffiti. Entre esses quatro elementos da cultura, nota-se que as batalhas de rima é uma das expressões mais marcante de apropriação dos espaços da cidade. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é revelar os traços territoriais das batalhas de rima no espaço urbano da cidade de Belo Horizonte a fim de compreender a territorialização da cultura Hip-Hop local. Para tanto, a metodologia se baseou em levantamentos secundários que propiciaram a identificação e georreferenciamento das batalhas de rima. Os resultados desta investigação demonstram que as batalhas de rima possuem características intrínsecas de 'lugar', 'lugaridade', 'território' e 'territorialidade' expressas nas relações socio-espaciais de seus adeptos. Além disso, do ponto de vista espacial, as batalhas estão distribuídas de forma dispersa pela capital mineira com territórios tanto na periferia quanto na centralidade.

Palavras-chave: Hip-Hop, Geografia, Batalhas de rima, Territórios, Belo Horizonte.

Abstract

Hip-Hop culture emerges in New York City, from the occupation of ghettos, public spaces and underutilized places for the encounter and manifestations of the arts of young African Americans through rap with the DJ and MC, dance with break-dance and graffiti. Among these four elements of culture, it is noted that rhyming battles are one of the most striking expressions of appropriation of city spaces. Thus, the objective of this work is to reveal the territorial traits of rhyming battles in the urban space of the city of Belo Horizonte in order to understand the territorialization of the local Hip-Hop culture. For that, the methodology was based on secondary surveys that allowed the identification and georeferencing of rhyme battles. The results of this investigation demonstrate that rhyme battles have intrinsic characteristics of 'place', 'placeness', 'territory' and 'territoriality' expressed in the socio-spatial relationships of their adherents. In addition, from a spatial point of view, the battles are spread out over the capital of Minas Gerais, with territories both on the periphery and in the centrality.

Key words: Hip-Hop, Geography, Rhyming battles, Territories, Belo Horizonte.

Resumen

La cultura Hip-Hop surge en la ciudad de Nueva York, a partir de la ocupación de guetos, espacios públicos y lugares infrautilizados para el encuentro y manifestaciones de las artes de jóvenes afroamericanos a través del rap con DJ y MC, dance con break-dance y graffiti. Entre estos cuatro elementos de la cultura, se destaca que las batallas de rima son una de las expresiones más llamativas de apropiación de los espacios de la ciudad. En ese sentido, el objetivo de este trabajo es revelar los rasgos territoriales de las batallas de rima en el espacio urbano de la ciudad de Belo Horizonte para comprender la territorialización de la cultura Hip-Hop local. Para ello, la metodología se basó en relevamientos secundarios que permitieron la identificación y georreferenciación de batallas de rimas. Los resultados de esta investigación demuestran que las batallas rimadas tienen características intrínsecas de 'lugar', 'lugar', 'territorio' y 'territorialidad' expresadas en las relaciones socioespaciales de sus adherentes. Además, desde el punto de vista espacial, las batallas están dispersas por toda la capital de Minas Gerais con territorios tanto en la periferia como en la centralidad.

Palavras-chave: Hip-Hop, Geografía, Batallas de rimas, Territorios, Belo Horizonte.

Recebido em: 29/07/2022

Aceito: 19/09/2022

Publicado: 03/10/2022

Introdução

Trabalhar com a cultura Hip-Hop é evocar traços ancestrais da cultura negra por meio de associações de aspectos musicais referentes as batidas dos tambores dos ritos africanos com as sonoridades produzidas pelo DJ (Disc Jockey) nos toca-discos provenientes das aparelhagens do *Sound System* jamaicano e, também, as narrativas e canções proferidas pelos *griots* que se associa com as rimas de improvisação e músicas proferidas pelos MCs (Mestre de Cerimônia) na contemporaneidade, na qual muitos estudiosos qualificam os cantores de rap como os ‘*griots* modernos’ ou ‘*griots* do terceiro milênio’ (TANG, 2012; SILVA, 2021). Sobre essas referências artísticas e culturais advindas de diferentes regiões do mundo, nota-se que o Hip-Hop possui uma característica diaspórica resultando dos processos migratórios do povo negro. Teperman (2015) ressalta que existem dois momentos fundamentais para essa cultura, são eles: o período colonial escravagista.

Em primeiro lugar, a vinda de centenas de milhares de africanos, das mais diferentes origens, para alimentar o maquinário insaciável dos regimes escravocratas nas Américas. No contato com as tradições musicais europeias, levadas aos Estados Unidos desde a chegada dos primeiros colonos ingleses, esses africanos — descendentes dos hoje conhecidos como afro-americanos — liderariam diversas revoluções na música do mundo, contribuindo de maneira decisiva na criação de gêneros como blues, jazz, rock, soul, reggae, funky, disco e, claro, rap. (TEPERMAN, 2015, p. 16)

E após Segunda Guerra Mundial, que marca a migração da população latino-americana, principalmente das ilhas caribenhas, rumo aos Estados Unidos.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, levou largos contingentes de homens e mulheres pobres de ilhas caribenhas como Jamaica, Porto Rico e Cuba para os Estados Unidos, em busca de melhores condições de trabalho. Esses imigrantes tenderam a se estabelecer nas periferias das grandes cidades, onde o custo de vida era relativamente baixo e as ofertas de emprego estavam próximas. Nessas regiões, os novos imigrantes caribenhos passaram a conviver com imigrantes latinos e também com afro-americanos estabelecidos nos Estados Unidos havia várias gerações. (TEPERMAN, 2015, p. 17)

Foi graças a essa miscelânea cultural de raiz afroamericana, dada por deslocamentos populacionais forçados e espontâneos, que o Hip-Hop vai se consolidar enquanto cultura suburbana, suas primeiras manifestações aconteceram em meados de 1960 por jovens negros e imigrantes latinos moradores dos bairros de Nova York que organizaram festas, conhecidas como “*Block Parties*”, que eram realizadas em espaços públicos, como quadras, praças e ruas, ou em galpões subutilizados da cidade. Nesses espaços montavam-se os *sounds system* e os DJs

comandavam o evento com um repertório musical variado com gêneros da *black music*, entre eles: *disco, soul, funky, reggae, dub, ska* e outros. É nesse momento que se tem as primeiras manifestações dos rappers, popularmente conhecidos como MCs, que aproveitavam o embalo rítmico para mandar rimas improvisadas, dito *freestyle* (MACEDO, 2011).

Com tudo, para além da musicalidade, as *Block Parties* se configuravam como uma festividade que possuía uma característica de subterfúgio para os jovens negros que buscavam uma forma de lazer e divertimento para fugir das mazelas sociais que assolavam Nova York e, mais profundamente, as áreas marginais da cidade onde residiam essa população (PIMENTEL, 1997; ROSE, 1997). Naquele período, final de 1950 e decorrer de 1960, os Estados Unidos passava por uma profunda recessão econômica devido ao pós-guerra e, além disso, a governança municipal da cidade nova-iorquina conduzia um processo de reforma urbana de caráter higienista que demoliu edificações em bairros carentes para dar espaço a largas avenidas e prédios comerciais (SANTOS, 2007).

Além dessas crises em escalas nacional e municipal, haviam problemáticas sociais de âmbito local que afetavam diretamente a população periférica que dizem respeito à discriminação racial, violência, regida pelos conflitos entre gangues locais e órgãos de segurança pública, a criminalidade, o tráfico de drogas e, principalmente, a ausência de políticas públicas voltadas à infraestrutura, educação e lazer (SILVA, 2021).

Foi diante dessa realidade de crise estrutural, econômica e social, em muito justificada ausência do aparato governamental ou até a repressão de suas organizações, que se tem a organização dos movimentos pelos direitos civis dos negros conduzido por lideranças negras, entre elas: *Martin Luther King, Malcolm X, Rosa Parks, Angela Davis, Bayard Rustin, Black Panthers* e entre outros, que lutavam pela superação da segregação sócio racial, emancipação do povo negro, igualdade social e garantia dos direitos civis. Concomitantemente, o Hip-Hop passa a ter novos propósitos devido a contributo de Afrika Bambaataa, DJ e ex-líder de gangue, que articulou os quatro elementos, são esses: MC, DJ, graffiti e o *break dance*, promovendo uma unicidade e incorporou as influências político-sociais das

lideranças e movimentos civis negros, consolidando o Hip-Hop enquanto cultura negra e suburbana (GOMES, 2008; MACEDO, 2011; SILVA, 2021).

Desta maneira, o Hip-Hop e suas vertentes artísticas que possuíam inicialmente a finalidade de lazer e entretenimento de uma juventude marginal, passa a incorporar em seu fundamento a proposta de ser um instrumento de transformação do estilo de vida por meio das artes, afim de tirar os jovens da criminalidade e de contextos de vulnerabilidades, e, sobretudo, empregar suas práticas culturais enquanto ferramentas políticas para que sejam denunciadas e criticadas as desigualdades, a violência, a segregação socioespacial, as mazelas urbanas e as ausências estruturais. Sendo assim o elemento rap, por meio das rimas e das músicas, foi uma das principais vertentes artísticas de expressão das vivências cotidianas e de enfrentamento do poder hegemônico.

Como pode ser visto, o Hip-Hop oferece um repertório de possibilidades de análises geográficas no que tange suas nuances relacionais e artísticas que reverberam nos espaços urbanos das cidades, de forma material e imaterial, resultando na constituição de identidades afirmativas e demarcações simbólicas que corroboram em territorialidades e afirmação de territórios identitários de uma juventude negra e periférica que busca a garantia de uma visibilidade artística, resistência cultural, igualdade racial e garantia de direitos. Nesse sentido, o presente trabalho busca explicitar como as batalhas de rima realizadas nos espaços urbanos da cidade de Belo Horizonte (BH) constituem-se territórios fundamentais da cultura Hip-Hop junto ao cenário underground belo-horizontino, com vistas à resistência cultural.

Entende-se por *underground*, as expressões artísticas e movimentos culturais que subvertem aos padrões conservadores da sociedade, e rompe com as regras impostas pela indústria midiática regida pelos moldes do capitalismo. Desta maneira, as culturas undergrounds possuem um público restrito de adeptos e apreciados, e tendem a sofrer com o rechaço de segmentos tradicionais resultando na pouca adesão da mídia de massa. Logo, atuando, assim, no âmbito “subterrâneo” da arte e cultura.

Em relação as batalhas de rima, essas tratam-se de encontros abertos de um segmento da juventude, adepta ou apreciadora da cultura Hip-Hop, que

territorializa espaços da cidade com o objetivo de praticar o rap de improvisação (rap *freestyle*) por meio de uma competição de rimas tendo como base o *beat* tocado pelo DJ e o microfone, popularmente conhecido como ‘mic’. Esses encontros são organizados por coletivos e grupos formados, prioritariamente, por DJs e MCs desta cultura suburbana. Desta maneira, os MCs ‘batalham’ entre si para disputar quem será o melhor na arte do *freestyle* com a decisão do público ali presente. As batalhas de rima, também conhecidas como duelos ou rinhas, remetem aos guetos dos burgos nova-iorquinos do Bronx e Brooklyn, berços do Hip-Hop, durante os anos de 1960 e 1970.

Pode-se elencar certas justificativas favoreceram o desenvolvimento deste estudo, entre elas estão: provê da necessidade de atender uma inquietude acadêmica acerca de investigações sobre as culturas marginais, como é o caso do Hip-Hop, a fim fomentar discussões sobre culturas suburbanas dentro da Geografia Humanista Cultural; a intenção de fomentar o cabedal teórico de pesquisas junto ao campo da Geografia da Música, promovendo a discussão analítica tendo como recorte espacial a cidade de Belo Horizonte, conferindo-a certo ineditismo; consolidar uma certa consonância metodológica aliando a Etnografia Digital com o geoprocessamento para a análise espacial de práticas culturais e conformação de territórios no espaço urbano; e, além disso, gerar a reafirmação dessa cultura perante a sociedade e fortalecer o pertencimento dos grupos identitários.

Em relação aos referenciais teóricos que subsidiaram o presente estudo, tem-se a categoria de ‘território’ que denotado a partir da materialidade das apropriações dos membros da cultura que territorializam coletivamente espaços da cidade, em sua maioria públicos, para a realização das batalhas de rima e, também, são evidenciados traços imateriais e simbólicos dessa apropriação que são demonstrados a partir das rimas e músicas que evidenciam a vivência com a cidade. Nesse sentido, traz à tona a interdisciplinaridade na análise desta prática cultural como evidencia Haesbaert (2004)

Desta forma, o conceito de território é muito amplo e tem várias interpretações, dependendo da área da ciência que o conceitua. A Geografia dá maior ênfase à materialidade do território. [...] A Antropologia enfatiza a dimensão simbólica através das sociedades. A Sociologia através da sua participação nas relações sociais. (HAESBAERT, 2004, p. 37)

Nesse sentido, os diferentes usos do território demonstram uma combinação dialógica entre as dimensões do real e do simbólico, fundamentadas na cultura, que resulta na consolidação identitária social no espaço geográfico (HAESBAERT, 2004). Outro aspecto relevante a ser discutido sobre a concepção de território neste estudo, diz respeito ao seu caráter dialético que lhe confere uma importância política e cultural nos grandes centros urbanos. Sobre isso, Souza (2001; 2014) ressalta que os grupos identitários constroem relações de poder que são projetadas no espaço formando territórios, capazes de serem interpretados como campo de forças, gerados ou não de conflitos entre os diferentes grupos culturais.

Em conexão com a ideia de território como poder, evoca o conceito de ‘territorialidade’ que trata-se da fixação e mantimento em determinado território. Nesse sentido, Sack (1996, p. 19) apud Junior e Santos (2018) compreende o ato da territorialidade como “[...] a tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos, e relações, delimitando e afirmando o controle sobre uma área geográfica”, a prática coletiva de ocupação de espaços públicos possui um conotação intenção de delimitar sua presença no contexto das batalhas junto à cena Hip-Hop local e, para além, exercer um poder de resistência frente aos atores hegemônicos e conservadores da sociedade.

Para constituição de uma cena cultural Hip-Hop, a formação dos territórios por meio das batalhas torna-se algo primordial para a garantia da visibilidade artística e social, e, além disso, possibilite que esses espaços sirvam para firmar experiências, trocas e relações socioespaciais que criem redes consolidadas entre seus adeptos. Como destaca Souza (2014) que os territórios podem ser flexíveis, no que tange aos aspectos espacial e temporal, contudo que as teias de relações sociais sejam articuladas ao ponto que garantam sua legitimidade.

Outros dois conceitos geográficos fundamentais para a análise das batalhas enquanto práticas espaciais de resistência, foram as definições de ‘lugar’ segundo Tuan (1983; 2012) e ‘lugaridade’ na concepção de Marandola Jr. (2020). Optou-se por trabalhar com ambos conceitos devido ao fato de haver certo simbolismo na constituição desses territórios que aparato conceitual de ‘território’ e ‘territorialidade’ não daria folego para tais esclarecimentos teóricos. Sendo assim, a

ideia de ‘lugar’ proposta por Tuan (1983) possibilita compreender o lugar a partir da perspectiva experiencial do sujeito e das representações sociais.

Desta maneira, para o autor o lugar é constituído por meio da centralidade das experiências do sujeito no espaço vivido que pode ser concebida de diversos modos sensoriais, como a visão, paladar, audição, tato e o olfato, e por estímulos externos, por exemplos: imagens, sons, cheiros, gostos e toque, resultando na criação de signos e significados (TUAN, 1983; 2012). É a partir do estabelecimento de um significado que o espaço se transforma em lugar por meio das experiências vivenciadas pelo sujeito, aqui tratado pelos MC’s, e a maneira como transformou-o através da arte, da rima e da música, no qual o Tuan (2012) qualifica como topofilia que se dá pela preferência simbólica e sentimental por determinado lugar e garante certa identidade cultural.

E, finalmente, para completar o corpo conceitual da presente pesquisa foi incorporado o conceito de ‘lugaridade’ de Marandola Jr. (2020) que se trata de um empenho teórico-conceitual em alcançar uma maior profundidade nas formulações geográficas sobre lugar, a partir da perspectiva ontológica. Nesse sentido, o autor obteve respaldo epistemológico na concepção da filosofia moderna sobre sujeito e objeto para tal reconhecimento teórico (MARANDOLA JR., 2020). Nesse aspecto, a ideia de “lugaridade já se faz presente, embora com pouca ênfase na maneira como tomamos a obra de tais geógrafos, na constituição da compreensão fenomenológica de lugar na Geografia. O exemplo de E. Relph e Yi-Fu Tuan me bastarão para dar força ao argumento.” (MARANDOLA JR., 2020, p.8)

A lugaridade, como emergência topológica, pode nos ajudar a pensar de forma situada essas geografidades que não se dão no espaço, mas que se constituem como espaços-entre a partir de relações de lugaridades existencialmente significadas em sua multiplicidade, co-existência e conflitividade. [...] Poderíamos pensar que lugar é modo de ser, expresso pela lugaridade. Isso não implica trazer para a pessoa ou para o si, pois ser se manifesta nos entes, na mundanidade do ser-no-mundo. (MARANDOLA JR., 2020, p. 10-11)

Marandola Jr. (2020, p. 11), fazendo referência ao recente trabalho de Werther Holzer, objetiva a reflexão dicotômica entre a relação entre território e lugar em que “recorre à lugaridade como expressão das relações dialógicas estabelecidas no movimento de territorialidade e lugar”. De modo a concatenar o escopo categórico aqui apresentado, a noção de lugaridade é importante para pensar na aproximação teórico-conceitual de lugar e território e, sobretudo, compreender

como os membros da cultura Hip-Hop manifestam e demarcam sua presença/resistência, enquanto ser-no-mundo, por intermédio das batalhas de rima.

Do ponto de vista metodológico, a presente pesquisa se baseou no método etnográfico que possui como finalidade processual o pensar e investigar as práticas socioculturais no espaço geográfico (DUGGAN, 2017), no caso desse arquétipo focalizando os adeptos da cultura Hip-Hop. Com tudo, diante do arrefecimento dos eventos culturais, principalmente as batalhas de rima, resultante do contexto pandêmico de COVID-19 e a inviabilidade do deslocamento pleno pela cidade para a realização dos trabalhos de campo, optou-se por empenhar um minucioso trabalho de gabinete lançando mão da etnografia digital enquanto método para tal empreitada.

Essa decisão metodológica possui embasamento segundo Ferraz e Alves (2017) que destacam diversas áreas do conhecimento têm aplicado o método etnográfico no desenvolvimento de pesquisas, não se limitando apenas a Antropologia. Nesse aspecto, Duggan (2017) ressalta a etnografia em Geografia tem sido uma perspectiva potencial para analisar as práticas espaciais contemporâneas, ainda mais se a aplicabilidade metodológica ocorrer no âmbito digital. Dado que o interesse geográfico em novas tecnologias digitais, como por exemplo: o sensoriamento remoto e o geoprocessamento, vem sendo cada vez mais significativo e as metodologias etnográficas são amplamente empregadas, logo tal interdisciplinaridade demonstra-se oportuna e vantajosa (DUGGAN, 2017)

Diante da sociedade contemporânea que se encontra cada vez mais hibridizada entre o mundo real e virtual, entre o *on-line* e o *off-line*, construindo relações e redes sociais que são facilmente conduzidas do universo físico para o mundo digital, por consequência a observação, descrição e diagnóstico de atores, objetos e fatos sociais têm convergido tais ambientes (material e imaterial) em vista da totalidade (FERRAZ; ALVES, 2017). Diante da condição de nativos digitais, o método etnográfico digital pressuposto enquanto fio condutor analítico possibilita aprofundar a busca por dados e fontes secundárias que corroborem com a pesquisa. Portanto, Ferraz e Alves (2017, p. 5) ressalta que, assim como ocorre em realidade, “a aproximação os sites de busca e nas redes sociais, onde se abarcam as referências

preliminares das diferentes temáticas do estudo, correspondendo ao lugar onde se inicia o emprego da etnografia. ”

[...] a entrada ao campo como maneira preliminar para selecionar os dados, o que requer tanto para as sociedades antigas e tribais, como para as contemporâneas e representadas em redes digitais, o princípio da observação da sociedade. Pelo acesso à conexão online, é possível garantir a observação e o contato como base preliminar, na busca online como primeira fonte para a maioria dos objetos de estudos. Desse modo, pela viabilidade da tecnologia, facilita-se os registros e recortes que podem ser salvos em pastas digitais para posteriores análises sobre as articulações, proporções e relações dos fatos sociais diagnosticados. (FERRAZ; ALVES, 2017, p. 6)

Pelo que pode ser visto, a presente escolha metodológica, além de garantir a segurança e saúde de pesquisador e pesquisados, possibilita um apanhado de possibilidade para fontes de busca e coleta de dados. Contudo, Ferraz e Alves (2017) alertam ao praticar a observação de campo digital e investigar comunidades on-line deve-se ter atenção em não executar uma observação superficial. Desta forma, “necessidade da catalogação e coleção de objetos tribais, agora pode dar lugar à busca por expressões publicadas em redes sociais que podem justificar ou não as hipóteses que derivam do objeto de estudo” (FERRAZ; ALVES, 2017). Fazendo-se imprescindível para o método, a organização dos dados alcançados, já que esses em sua maioria encontram-se dispersos em sites de buscas, *blogs*, redes sociais ou outras fontes *on-line*.

Os excessos de informações e a grande superficialidade desta multiplicidade dos dados em rede exigem mais a extensão do olhar da Antropologia por seus métodos tradicionais transpostos à observação em ambiente digital, do que apenas a orientação por algumas propostas etnográficas encontradas recentemente no site de busca do Google. (FERRAZ; ALVES, 2017, p. 8)

Portanto, após tais indicações, foi empenhado uma profunda exploração em diferentes fontes *on-line* acerca das interações promovidas pelos integrantes da cultura Hip-Hop. Logo, a internet torna-se campo profícuo para compreender como esses atores sociais transitam entre o mundo real e virtual para aumentar o alcance para novas conexões, promover discussões e impulsionar a divulgação da cultura. Sendo assim, a etnografia digital demonstrou-se apropriada para o levantamento documentais e de dados secundários, por intermédio dos perfis de integrantes, coletivos e movimentos que organizam as batalhas de rima em BH, acerca dos locais de realização das batalhas e certos fatos que merecem destaque ao longo da existência e resistência na cena local.

Por se tratar de uma coleta de dados, o grau de interação do pesquisador junto as comunidades virtuais e os participantes será inexistente e não havendo interferência nas atividades destes grupos sociais, como Polivanov (2013) define como pesquisador silencioso (*lurker*). Nesse sentido, optou-se por empreender pesquisas junto às redes sociais Facebook e Instagram para uma catalogação, por intermédio dos perfis, páginas, fóruns, grupos e, principalmente, eventos para obtenção de obter informações acerca da localização geográfica, frequência de realizações (data e horário), registros fotográficos, *flyers* das batalhas, vídeos e demais elementos sobre a cena.

Além disso, a pesquisa superou o ambiente das redes sociais, explorou sites e blogs que se dedicam a cultura Hip-Hop local, como por exemplo: o extinto blog do ‘Duelo de MC’s’¹, o blog ‘ouviaduto’² que possui inspiração no livro Viaduto Santa Tereza (PERDIGÃO, 2016) e tem curadoria de João Perdigão que é o autor do mesmo, e, finalmente, o jornal ‘O Beltrano’³ é um site de notícias colaborativo e independente de BH. Essas três referências supracitadas servirão de suporte para o incremento de um relatório documental sobre importantes acontecimentos vivenciados nos territórios das batalhas. Ademais, o presente artigo buscou suporte na pesquisa desenvolvida por Silva (2021) sobre os territórios da cultura Hip-Hop belo-horizontina, valendo-se como referência o arcabouço histórico sobre a cultura e a cartografia desenvolvida pelo autor. Finalmente, a partir dos dados compilados foram tabuladas, tratadas e georreferenciadas, ao todo, 40 batalhas de rima na capital (tabela 1). Esse inventário etnográfico foi analisado à luz das categorias geográficas para compreender a resistência cultural das batalhas de rima na capital mineira.

¹ O blog ‘Duelo de MCs’ era o principal canal de comunicação on-line dos membros da cultura hip-hop belo-horizontina e, com destaque, para os adeptos das batalhas do Duelo de MCs e frequentadores do Viaduto Santa Tereza. O blog se dedicava à divulgação das batalhas ocorridas no Viaduto e demais eventos da cultura que ocorriam na capital mineira. As publicações eram realizadas pelos membros da Família de Rua até meados de 2012, perdendo espaço para a rede social Facebook. Link de acesso ao blog ‘Duelo de MCs’: <http://duelodemcs.blogspot.com/>

² O blog “ouviaduto” tem por finalidade publicar textos e registros audiovisuais sobre a cena cultural underground belo-horizontina e, principalmente, sobre as manifestações artísticas que ocorrem no Viaduto Santa Tereza e seu entorno. Link de acesso ao blog “ouviaduto”: <https://ouviaduto.tumblr.com/>

³ O Jornal ‘O Beltrano’ tem propósito tratar de política e economia locais, artes e literatura, cultura e política cultural, direitos humanos e das minorias, movimentos sociais, mobilidade urbana e políticas públicas para a cidade, fugindo do escopo das mídias tradicionais. Link de acesso ao site: <https://www.obeltrano.com.br/>

Tabela 1 – Batalhas de rima identificadas em Belo Horizonte.

Batalhas de rima (bairro)			
Duelo de Mcs (Centro)	Batalha dos Predim (Jardim Leblon)	Batalha da Matriz (Venda Nova)	Batalha do Posto (Vera Cruz)
Batalha da Fecope (Padre Eustáquio)	Batalha do Minas Caixa (Minas Caixa)	Batalha Brutal (Centro)	Batalha da Santê (Santa Efigênia)
Batalha do P.U. (São Gabriel)	Batalha Cruel (Betânia)	Batalha do Cardoso (Pongelupe)	Batalha do Tijolinho (Lagoinha Leblon)
Batalha do Sagrada (Sagrada Família)	Batalha da Malta (Jardim Dos Comercíarios)	Batalha da Estação (Centro)	Batalha do 5º Elemento (São Lucas)
Batalha Samurai (Centro)	Batalha do G. A. (Goiânia)	Batalha Lá da Favelinha (São Lucas)	Batalha da Fex (Lagoa)
Rapa do Papa (Mangabeiras)	Batalha da Praça (Padre Eustáquio)	Batalha da Mini Ramp (Venda Nova)	Batalha da P2 (Conj. Helena Antipoff)
Rap do Campo Alegre (Campo Alegre)	Duelo dos Corações Abertos (Santa Monica)	Rap da Lagoa (Itapoã)	Batalha do Jaqueline (Jaqueline)
Batalha do Mariquinha (Juliana)	Batalha do Helipa (Heliópolis)	Batalha do Serra Verde (Serra Verde)	Duelo do Siniba (Sinimbu)
Batalha do Castelo (Pampulha)	Batalha do Zilah (Zilah Sposito)	FaráOeste - Batalha Clandestina (Barreiro)	Batalha da BV (Boa Vista)
Batalha do Novais (Nova Cintra)	Batalha do C1 (Castanheira I)	Batalha da Pista (Barreiro)	Batalha da Rocha (Mineirão)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Desenvolvimento

Sobre as batalhas de rima, tratam-se de territórios prioritários de iniciação dos jovens nessa cultura suburbana por intermédio da música possibilitando desenvolver socializações primárias com os membros e frequentadores das batalhas, fomentando a finalidade social e cultural do Hip-Hop. Nesse sentido, um aspecto relevante das batalhas é a correspondência com o conceito de ‘lugar’ na Geografia, pois verifica-se as seguintes especificidades: projeção das relações no espaço urbano de forma concreta e simbólica por meio da música rap; suscita aos seus adeptos um sentimento de pertencimento para com o espaço apropriado para os encontros; e,

além disso, há um sentido de irmandade entre os sujeitos que frequentam as batalhas. Logo, ao frequentarem batalhas distintas ou eventos da cena Hip-Hop local, os MCs tendem a referenciar à sua batalha de origem. Isso ocorre, segundo Tuan (1983; 2012), graças aos traços de topofilia estabelecidos a partir do elo afetivo com o lugar através das experiências e significações atribuídas pelo sujeito.

Sobre a categoria de ‘lugaridade’, proposta por Marandola Jr. (2020), ao transpor para análise espacial das batalhas de rima pretende-se estabelecer uma aproximação do lugar, a dinamicidade de territorialidade e o poder territorial, possibilitando compreender como os rappers lançam mão de sua capacidade artística para coexistir e se relacionar entre os membros do Hip-Hop, adeptos de outras culturas (principalmente as suburbanas), os atores hegemônicos e demais públicos no espaço vivido da capital mineira. Para tanto, compreender as apropriações dos espaços para a realização das batalhas (figura 1) resulta na expressividade do ser-no-mundo por meio do movimento, do encontro, da convivência, do embate e do conflito que denotam a lugaridade dada pelas vivências do ser (MARANDOLA JR., 2020).

Figura 1 – Registro da Batalha da Matriz em 2019.



Fonte: Batalha da Matriz – ZN/BH (2019).

Sobre as experiências propiciadas pelas batalhas, no que tange ao seu aspecto musical, essas recebem a qualificação de espaços de aprendizagem ao gênero rap, aperfeiçoando o sujeito a essa vertente artística por meio do rap freestyle e, em muitos casos, sendo o primeiro palco de apresentação desses jovens artistas. Muitos

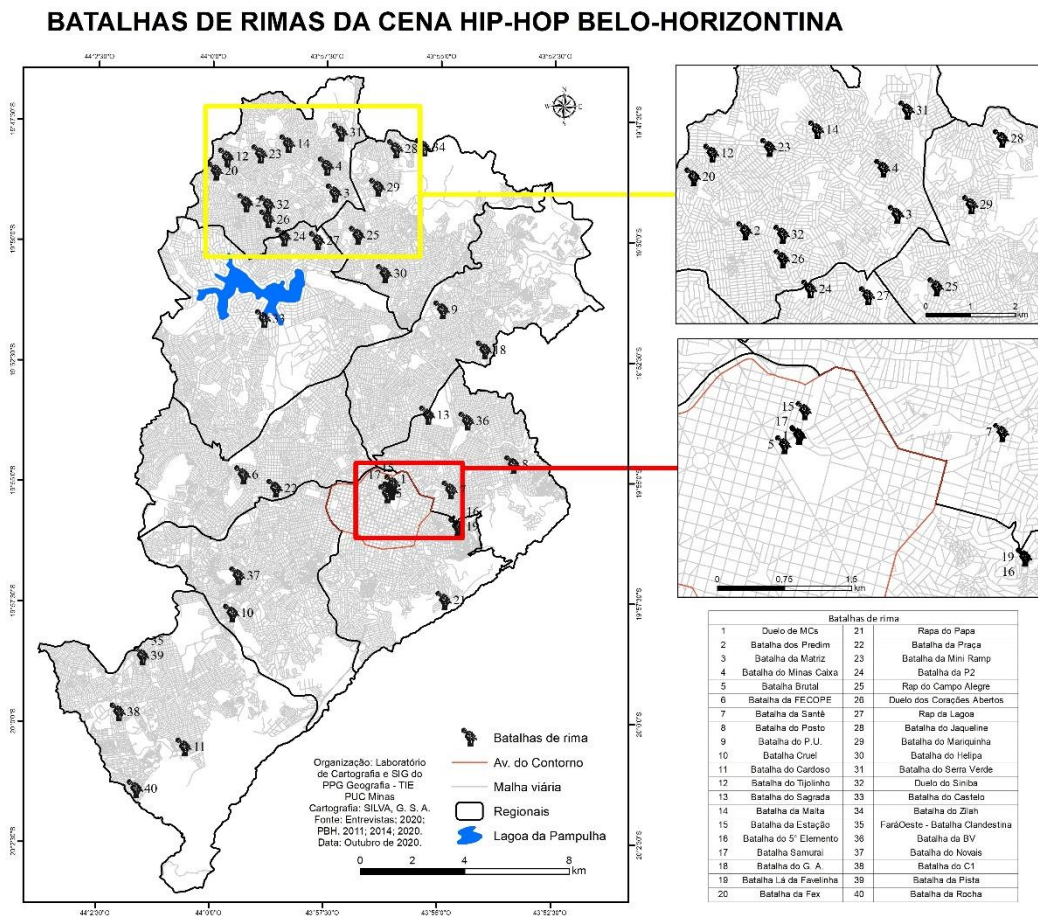
desses MCs, provenientes das batalhas, garantiram seu espaço na cena underground local e atingiram uma notoriedade nacional com a produção de discos e inúmeras apresentações, como são os casos dos artistas: Clara Lima, Chris MC, Djonga, Oreia, Douglas Din, Pedro Vuks, Monge MC, Kdu dos Anjos, Fabrício FBC, Tamara Franklin, Matéria Prima, o grupo Fenda e entre outros nomes. Apesar de garantirem tal notoriedade, nota-se, por meio das publicações desses artistas, que o pertencimento e vínculos afetivos com sua “quebrada”⁴ permanecem sólidos.

Com tudo, cabe ressaltar o papel significativo e basilar exercido pelos MCs locais que, apesar de não terem grande visibilidade, são os que fomentam e mantém ativa e pulsante a cena Hip-Hop local por meio das produções autorais, movimentações, projetos e eventos promovidos com as comunidades periféricas e demais setores culturais.

Em relação a temporalidade, constatou que as batalhas de rima compreendem tempos específicos de ocorrência para seus respectivos encontros, havendo batalhas com frequência semanal ou quinzenal, portando no decorrer da pesquisa são foram verificadas periodicidade diária ou mensal. E, em relação aos horários, nota-se que na maioria das batalhas analisadas acontecendo em período noturno ao longo da semana e aos finais de semana tendem a priorizar o horário vespertino. Do ponto de vista organizacional, os eventos para batalhar são promovidos por determinados coletivos e são compartilhados entre seus integrantes com certa antecedência. Foi constatado que algumas batalhas sofreram, e até hoje sofrem, com alguns processos que geram sua desarticulação que vai desde à falta de aparelhagens sonoras, engajamento, fomento financeiros e recursos diversos para mantimento dos encontros. Logo, algumas batalhas listadas não se encontram em atividade nos dias de hoje, como é o caso da Batalha do Sagrada, Batalha do G. A. e entre outras. Em teoria, percebe-se que os locais ocupados garantem uma certa fluidez nas territorialidades praticadas devido a periodicidade das batalhas e as relações espaciais estabelecidas.

⁴ A tipologia ‘Quebrada’ trata-se de uma gíria utilizada pelos membros do Hip-Hop, outras culturas suburbanas e moradores de periferias para referenciar seus locais de origem e/ou moradia.

Figura 2 – Mapa das Batalhas de rima da cena Hip-Hop em Belo Horizonte.



Fonte: Adaptado de Silva (2021).

Em relação ao percorrer etnográfico digital, foi possível a catalogação de um extenso universo de batalhas de rimas, totalizando 40 batalhas (Figura 2), que possuem registros e interatividade junto ao mundo virtual das redes sociais. Sobre esse aspecto, pode-se constatar que os adeptos da cultura Hip-Hop entenderam que as redes sociais são espaços profícuos para a divulgação e interação de sua comunidade. Sendo utilizado, prioritariamente, o Facebook para a comunicação das batalhas de rima por meio da ferramenta/aba de ‘Eventos’ que possibilita publicar a data, local e descrição das mesmas. Além disso, se averiguou que o Facebook é amplamente aproveitado por essa comunidade para realização de fóruns de discussão e grupos de interesses em comum sobre o Hip-Hop e seus quatro elementos. Especificamente sobre as batalhas, notou-se que as mesmas possuem páginas próprias no Facebook que são gerenciadas por integrantes e/ou coletivos da cultura, com destaque para a Família de Rua, em que são veiculados os registros das batalhas, como por exemplo: fotos, vídeos e textos.

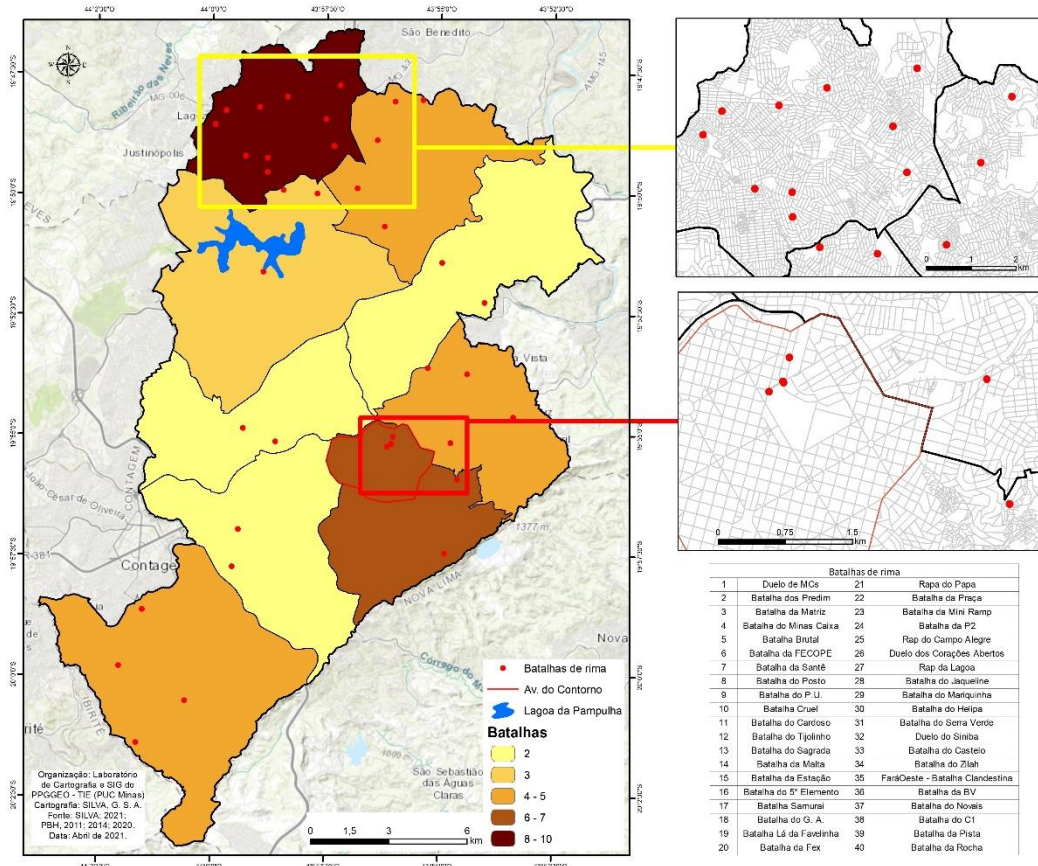
E ao analisar a rede social Instagram, comprovou-se que essa rede possui uma menor adesão para divulgação das batalhas de rima, sendo apenas o coletivo Família de Rua que se destaca no emprego constante desta rede, pois não é possível a criação de eventos e possui uma limitação de funcionalidades se comparado com o Facebook. Contudo, do ponto de vista artístico, é amplo o uso por parte dos MCs para publicar seus trabalhos autorias (rimas, músicas, discos e outras performances) devido a capacidade de alcance e popularização de conteúdos nessa rede.

No que se refere ao aspecto espacial, verifica-se que as batalhas de rima estão distribuídas de maneira heterogênea entre as nove regionais administrativas de BH. Os territórios das batalhas se posicionam espacialmente em espaços centrais e periféricos da cidade, sendo que esses últimos (periféricos) são priorizados pelos membros das batalhas remontando às origens do Hip-Hop que tem como berço os bairros carentes e marginais que são habitados por negros e pobres. Além disso, no mapa abaixo (Figura 3), é perceptível as diferenciações quantitativas na distribuição das batalhas entre as regionais, sendo que: as regionais Nordeste, Noroeste e Oeste apresentaram o menor quantidade com apenas duas batalhas em cada; seguido da Pampulha com três batalhas; Leste compreende quatro batalhas; as regionais Barreiro e Norte apresentam cinco batalhas, respectivamente; a regional Centro-Sul possui sete batalhas; e, em destaque, a regional Venda Nova com maior quantitativo totalizando 10 batalhas de rima. É importante lembrar que esse levantamento foi realizado por meio da etnografia virtual, com foco na rede social Facebook, e intermediado pelo modelo cartográfico proposto por Silva (2021).

Sobre a estabilidade espacial de ocupação desses territórios para a realização das batalhas, no decorrer da investigação científica, notou-se que ao longo do tempo algumas dessas batalhas foram interrompidas devido aos fatores supracitados e, além disso, inúmeras não estão sendo realizadas ou se transferiram suas batalhas para o ambiente virtual, por meio das *lives*, devido a pandemia da COVID-19. Como foi o caso do Duelo de MCs e o Duelo de MCs Nacional, ambos ocorreram no formato *on-line*, ao longo desse período de isolamento social.

Figura 3 – Mapa das batalhas de rimas da cena Hip-Hop belo-horizontina por regionais.

BATALHAS DE RIMAS DA CENA HIP-HOP BELO-HORIZONTINA POR REGIONAIS



Fonte: Elaborado pelo autor (2022) adaptado de Silva (2021).

Prosseguindo, a tendência de promover as batalhas em espaços públicos, como por exemplo: praças, parques, quadras, pistas de skate, centros culturais, escolas e outros, havendo a necessidade de negociar esses espaços e respectivas territorialidades com outros grupos identitários e transeuntes. Em certos momentos, há a territorialização simultânea desses espaços por grupos que estimam o mesmo espaço, como é o caso dos grafiteiros, b-boys e b-girls, e skatistas que compõem e congregam da cultura Hip-Hop. E, além desses, há outros coletivos pertencentes à outras culturas *undergrounds*, como por exemplo os *headbandergs*, os rastafáris, os *hippies* e os *funkeiros*, demonstrando que existe uma convivência e, ao mesmo, tempo uma disputa territorial, como preconizado por Souza (2014).

Nesse sentido, segundo Haesbaert (2004) é constatado conotações tanto políticas quanto sociais, por meio de verdadeiras relações concretas e simbólicas de poder, que buscam dominar tais espaços para o estabelecimento e mantimento dos

territórios e influenciar seus frequentadores com a finalidade de garantir a concretização das batalhas de rima.

Entre as inúmeras batalhas de rima identificadas na capital mineira, cabe destacar o Duelo de MCs (batalha de rima), fundado pelo coletivo Família de Rua, que acontece há mais de 14 anos debaixo do Viaduto Santa Tereza na região central da capital mineira. Durante a pesquisa, constatou que a Família de Rua possui um histórico de resistência cultural marcante para o cenário underground local. Essa batalha é mencionada por inúmeros integrantes da cultura Hip-Hop, pois se trata da principal batalha de rima da capital mineira, com reconhecimento local e nacional.

Sobre a resistência cultural mencionada, de acordo com as publicações contidas no blog ‘Duelo de MCs’, o Duelo se estabeleceu debaixo do Viaduto Santa Tereza, em agosto de 2007, por consequência de um fenômeno natural (a chuva) fazendo com que os integrantes migrassem para um local coberto para se proteger e dar continuidade as batalhas. Historicamente, além do Viaduto, as batalhas do Duelo já vieram a ocupar outros territórios da cidade, entre eles: a Praça Sete de Setembro e a Praça da Estação.

Ao se territorializarem no Viaduto, os integrantes se depararam com condições precárias de infraestrutura, como a falta de energia elétrica e iluminação pública, excesso de sujeira, e ausência de segurança pública. Para a realização das batalhas, conforme recorda as publicações do blog ‘Duelo de MCs’ (2010) e o documentário “O som que vem das ruas” (2011), os membros improvisavam uma aparelhagem sonora com caixas de som portáteis, um pen-drive com os beats e um microfone acoplado ao som. Anos mais tarde, a partir de uma articulação política e territorial do coletivo Família de Rua, foram estabelecidas as condições infra estruturais básicas para a ocupação e manifestação artística da cultura Hip-Hop.

Com tudo, anos mais tarde, outros problemas se tornaram vigentes como o consumo excessivo de drogas pelos frequentadores dos eventos, casos de violência entre indivíduos e grupos específicos, ações autoritárias e repressivas da segurança pública na figura da Polícia Militar, falta de políticas públicas voltadas à essa cultura suburbana e, até, o fechamento do Viaduto Santa Tereza em 2013 de forma intransigente e sem o estabelecimento de diálogo com a população, tais fatos eram

regularmente publicado no Blog ‘Duelo de MCs’ pelos próprios componentes da Família de Rua. Entretanto, foi notado que o blog Duelo de MCs interrompeu suas publicações em junho de 2012, perdendo espaço e sendo substituído pela rede social Facebook.

Ainda sobre o fechamento do Viaduto, essa ação intransigente ocorreu sob a justificativa de seriam necessárias reformas e mudanças estruturais neste espaço para a realização da Copa do Mundo de 2014, contudo as obras não foram concluídas no período pré-estabelecido e o Viaduto permaneceu fechado até 2017, sendo reaberto após pressão popular. Sobre esse aspecto de ocupação e valorização dos espaços públicos, com vistas a cumprir a prerrogativa do Direito à cidade, os membros do Duelo de MCs tiveram de exercer a territorialização de outro espaço da cidade, sendo escolhida a praça Sete de Setembro no hipercentro da capital. Sobre esse fato, foi possível encontrar informações no Blog ‘Oviaduto’, que publica textos sobre os processos de ocupação e manifestação no Viaduto e, além disso, compilava registros fotográficos e audiovisuais sobre as ações neste território (figura 4).

Figura 4 - Manifestações nos tapumes do Viaduto Santa Tereza durante o período da reforma.



Fonte: Figueiredo (2014)

Finalmente, após desafios estruturais, sociais e políticos enfrentados pelos membros do Hip-Hop, as batalhas de rima de BH passaram a contar com a devida notoriedade cultural que lhe são dignas. Em relação a importância alcançada, verificou-se que as batalhas e inúmeros eventos desta cultura passaram a ser destacados em veículos de comunicação, como: sites, blogs, jornais, rádios, canais televisivos, revistas e entre outros meios. Neste estudo foi evidenciado o Jornal O Beltrano, importante mídia independente belo-horizontina, que divulgou uma série de textos sobre as três décadas da cultura Hip-Hop em BH sob a autoria de Roger Deff, um dos mais importantes *rapper* da cena. Dentre os conteúdos publicados pelo ‘O Beltrano’, Deff (2016) confere relevância para a recuperação da cena da cultura suburbana, por meio da articulação dos membros da nova geração, e é dado ênfase para o Duelo de MCs Nacional que passou a ocorrer debaixo do Viaduto Santa Tereza, a partir do ano de 2012, e tem ocorrido anualmente até os dias de hoje, essa batalha de rima garante ao Hip-Hop belo-horizontino uma notoriedade internacional graças ao alcance deste evento.

Considerações Finais

Essa investigação científica possui papel fundamental de aprofundamento sobre a cultura Hip-Hop belo-horizontina, pois focalizou em análises geográficas das batalhas de rima enquanto fenômeno emergente no espaço urbano da cidade, conferindo um caráter de ineditismo ao identificar, analisar e cartografar as batalhas para a cena cultural underground mineira, por meio de um intercâmbio metodológico que aliou o método da etnografia digital, proveniente da Antropologia, para levantamento dos dados secundários nas redes sociais e sites na web, e técnicas cartográficas de geoprocessamento, essa última muito presente nos estudos geográficos.

Além disso, os esforços teóricos e analíticos em conceber associações com categorias fundamentais da Geografia (são elas: lugar, lugaridade, território e territorialidade) possibilitou a compreensão de tal manifestação artística a partir das experiências e práticas, sejam elas concretas ou simbólicas, evidenciadas no espaço.

Para além, as aproximações categóricas possibilitam tecer uma aproximação conceitual com a noção de “território-lugar” ou “lugar-território” dada a fluidez das

relações, a delimitação espacial, o pertencimento e a identidade que são construídas pelos MCs e demais integrantes para com as batalhas. Outro aspecto evidenciado neste estudo, se deve ao fato de existir uma fluidez transitória entre os territórios das batalhas no qual, de certa maneira, promove o estabelecimento de redes de relações entre os membros da cultura Hip-Hop local e fortalecimento da mesma. Outro fato constatado, é a existência de territórios cristalizados para essa cultura como é o caso do Viaduto Santa Tereza considerado pedra fundamental do Hip-Hop belo-horizontino havendo a consolidação de sua territorialização em meados da década de 2000 e permanece até os dias de hoje.

Com tudo, além de cumprir uma necessidade investigativa, o presente artigo suscita possibilidades de reverberações científicas futuras no que tange à pesquisa acerca da cultura Hip-Hop e demais grupos culturais suburbanos e coletivos marginais que se apropriam do espaço urbano estabelecendo territórios com a intenção de garantir sua existência e resistência perante aos atores hegemônicos e segmentos conversadores da sociedade. E mantendo viva a cena artística *underground* mineira.

E, além disso, esse documento pretende fortalecer o pertencimento dos adeptos desta cultura negra e periférica, o Hip-Hop, fomentando assim a viabilidade acerca de políticas públicas culturais voltadas às batalhas de rima e os demais elementos que compõem essa cultura, e, conseqüentemente, favorecendo a visibilidade de discussões nos ambientes acadêmicos e não acadêmicos acerca da cultura Hip-Hop e demais manifestações artísticas marginais que são cada vez mais emergentes no espaço urbano das cidades.

Referências

BATALHA DA MATRIZ – ZN/BH. [Álbum de fotos]. **Sem título**. Belo Horizonte, 15 fev. 2019. Facebook: batalhadamatrizn. Disponível em: <https://www.facebook.com/batalhadamatrizn/photos>. Acesso em: 15 ago. 2022.

COSTA, B. P. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENSAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 79-114.

DEFF, Roger. Três décadas de Hip-Hop em BH – Parte 1 e 2. **O Beltrano: Colunistas – Especiais**, Belo Horizonte, 13 dez. 2016. Disponível em: <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/tres-decadas-de-Hip-Hop-em-bh/>. Acesso em: 27 jul. 2022

DUELO DE MCS. Cuide do que é nosso!. *In: DUELO DE MCS. Blog do Duelo de MCs*. Belo Horizonte, 2010.

DUGGAN, M. Questioning “digital ethnography” in an era of ubiquitous computing. **Geography Compass**, v. 11, n. 5, p. 1-12, 2017.

FERRAZ, CLÁUDIA PEREIRA; ALVES, ANDRÉ Porto. Da Etnografia Virtual à Etnografia Online Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. *In: 41º Encontro Anual ANPOCS. Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2017. p. 1-25.

FIGUEIREDO, Bruno. Viaduto Santa Tereza Ocupado em 2014. *In: PERDIGÃO, João. Ouviaduto*. Belo Horizonte, [s. d.]. Disponível em: <https://ouviaduto.tumblr.com/post/95985560671/timeline>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GOMES, Carin Carrer. **O uso do território paulistano pelo Hip-Hop**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. *In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. (orgs.) Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Editora UNIOESTE, 2004. p. 87-119.

JUNIOR, Amilton Quintela Soares; SANTOS, Mauro Augusto. A territorialidade e o território na obra de Robert David Sack. **Geografia (Londrina)**, v. 27, n. 1, p. 7-25, 2018.

MACEDO, Iolanda. A linguagem musical rap: Expressão local de um fenômeno mundial. Cascavel: **Revista Tempos Históricos**, v. 15, p. 261-290, 2011.

MARANDOLA JR., E. Lugar e Lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p. 2-9, 2020.

O SOM que vem das ruas. Belo Horizonte: Família de Rua, 2011. 1 vídeo (34:53). Publicado por Família de Rua. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MprgOze97PA>. Acesso em: 26 jul. 2022.

PERDIGÃO, João. Silêncio! Viaduto em obras. *In*: PERDIGÃO, João. **Ouviaduto**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://ouviaduto.tumblr.com/post/95985560671/timeline>. Acesso em: 27 jul. 2022.

PERDIGÃO, João. **Viaduto Santa Tereza**. Belo Horizonte: Editora Conceito, 2016.

PIMENTEL, Spensy. **O Livro Vermelho do Hip-Hop**. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

POLINOV, B. B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **ESFERAS - Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste**, v. 1, n.3, p. 61-71, 2013.

SANTOS, Rosenverck Estrela. **Hip-Hop e Educação Popular em São Luís do Maranhão**: uma análise da organização. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2007.

SILVA, G. S. A. **Sons da Rua**: os territórios e territorialidades dos rappers da cena Hip-Hop belo horizontina na última década (2010-2019s). Dissertação (Mestrado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 77-116.

TANG, P. The rapper as modern griot: Reclaiming ancient traditions. *In*: CHARRY, E. (ed.) **Hip hop Africa: New African music in a globalizing world**. Bloomington: Indiana University Press, 2012. p. 79-91.

TEPERMAN, Ricardo I. **Se liga no som: As transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Ed. Claro Enigma – Grupo Companhia das Letras, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 2012.